

## O LIVRO

*José Laureano Marques*

**D**ireito e perdido no meio dos outros, arrumado numa fila de vistosa palete cromática, aquele título e a largura da lombada, chamavam a atenção até ao mais distraído dos leitores: *O Livro Completo*.

O nome do autor alinhava também pelo mistério que o título já sugeria: Yusup Luena-Rua, nome muito para lá dos lusos costumes, sugeria uma origem oriental, ou então criativo pseudónimo.

Idalécio costumava dizer que a rua onde morava começava na pequena *Capela da Memória* e acabava, um quarto de légua depois, na pequena *Livraria Amândio* que, além de livros, também trocava por dinheiro pequenas relíquias discográficas. Para ele o pequeno lugar de culto religioso era a letra capitulada, já a livraria era o ponto final da rua onde morava.

Chovesse a potes ou queimasse o sol os quadrados de pedra escura da calçada, Idalécio franqueava todos os dias as duas meias-portas verde garrafa da velha livraria, fosse para folhear uma das novidades, fosse para passar as mãos por uma qualquer curiosidade alfarrabista.

Atravancava este ritual o domingo; o dia em que Abílio da Costa, assim se chamava o já *muito-usado* livreiro, que mesmo sendo ateu papava a missa toda na pequena capela. Constava que fazia questão de começar a semana num começo<sup>1</sup> qualquer que se notasse, e, segundo uma teoria muito pessoal, nada melhor que o sítio onde a rua arribava e onde há setenta e oito invernos tinha visto a luz do sol pela primeira vez.

De vez em quando, se o mês já findava e o trabalho tinha seroadado sem temor, discutia com o velho livreiro qual a novidade ou clássico onde nunca botara olho, que depois e já com ele, subiria até às águas furtadas do número 21 da rua João de Deus.

Por isso ali estava agora. Porque dezembro se tinha escoado e aquela lombada negra, que se anunciava completa, lhe inquietava as mãos e desassossegava o espírito. Porque a descoberta da derradeira e completa escrita, aquela que o autor anunciava ter todas as palavras e aventuras, todos os sonhos e finais possíveis, parecia pedir olhares ansiosos e ávidos dedos. A habitual conversa de fim de mês com o livreiro soara-lhe estranha desta vez.

– Que temos nós aqui que valha a pena ler amigo Abílio?

Enigmático, como era habitual nestas alturas, o livreiro aproximou-se com vagar e sussurrou-lhe ao ouvido.

– Um livro que não dispensa ser lido, mas que, apesar disso, precisa de ser folheado urgentemente!

Os seus dedos fecharam-se sobre o livro retirando-o da prateleira, como quando se separa um fruto maduro do ramo. Com a lombada assente sobre a palma da mão esquerda, o seu polegar direito deslizou sobre o cimo das folhas fazendo-as agitar trémulas e nervosas.

Todas as folhas à excepção de uma estavam em branco! Como se as letras se tivessem descolado do papel, voado para longe ou ficado suspensas na ponta do lápis do autor.

*“Assim que o vi, soube que escondia um passado difícil”*. Era a frase que ocupava a primeira linha da primeira página. O resto era alvura.

Já subia rua acima quando pensou que o desafio daquele livro seria acabá-lo e, se um passado qualquer teria sido difícil, completar aquele caminho podia ser um futuro fácil.



*“Desafio: Imagine que vai ler um livro. Abre-o, mas só vê uma frase escrita: **Assim que o vi, soube que escondia um passado difícil**. O resto do livro está em branco. A sua tarefa é colocar-se no papel do escritor e escrever um conto com pelo menos 20 linhas.”*

<sup>1</sup> A pequena capela, como referido anteriormente, assentava arraiais logo no começo da rua. Em tempos muito remotos foi a partir daí que a rua se deitou. Como alvos lençóis estendidos no arame, ou como se nos poucos bancos corridos se gerassem tijolos e argamassa.

Por decisão pessoal o autor não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, continua portanto a escrever como aprendeu na escola nacional.